

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Thomaz Rodrigues Senra

**A VERDADEIRA FÉ EM PAUL TILLICH**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Eduardo Gross.

Juiz de Fora  
2017

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E  
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **THOMAZ RODRIGUES SENRA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201372084A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A VERDADEIRA FÉ EM PAUL TILLICH**, desenvolvido durante o período de 06/03/2013 a 04/07/2017 sob a orientação de EDUARDO GROSS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**THOMAZ RODRIGUES SENRA**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# A VERDADEIRA FÉ EM PAUL TILLICH

Thomaz Rodrigues Senra<sup>1</sup>

## RESUMO

O verdadeiro conceito de fé foi perdido do longo tempo. Nas tentativas de explicá-la e defini-la mais ainda se afastou de sua verdadeira definição levando a diversos mal entendidos tanto no meio religioso quanto no meio secular. O presente trabalho tem por objetivo resgatar o verdadeiro conceito de fé na visão de Paul Tillich, autor do livro Dinâmica da Fé. Com tanta confusão em relação ao que a fé é de fato, o autor busca esclarecer e ao mesmo tempo leva ao claro entendimento os erros que levam muitos a confusão do que a fé realmente é. Neste trabalho iremos expor os enganos criados assim como mostrar as características de uma fé verdadeira baseada em Paul Tillich.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fé. Sagrado. Símbolos.

## 1. INTRODUÇÃO

A fé já passou por diferentes definições ao longo do tempo, fé já foi entendida como uma certeza absoluta, ela já foi compreendida como sentimento, assim como também já foi reduzida à atos litúrgicos. Veremos ao longo do trabalho que nada disso exclusivamente pode ser a fé, pois todas essas coisas partem do homem finito para si mesmo. A principal característica da fé é a sua natureza incondicional e infinita. O homem tentou como, dito acima defini-la, como banalidades finitas pertencentes a este mundo material, o que levou a uma grande confusão. É necessário esclarecer que a realidade da fé é a realidade do incondicional, ela não pode ser reduzida a somente uma característica do espírito humano nem somente a um símbolo, a verdadeira fé é transcendente e toma o homem por completo. A fé não parte somente da religiosidade, Tillich é bem claro quando diz que todos os homens possuem uma razão de viver, possuem uma preocupação incondicional que os move e que sem esta estariam próximos à “morte”. A fé no dinheiro é tão real quanto à fé no Deus cristão ou a fé na ciência. O seu objeto e conteúdo não necessariamente precisam ser incondicionais e infinitos, mas o sentimento de fé e a experiência de fé que o homem tem, este sim precisam da característica do incondicional ou então seriam outra coisa qualquer, mas não fé. Paul Tillich deixa claro que a fé possui características distintas, já seu conteúdo pode ser até mesmo vazio como veremos ser a realidade da fé dos cétricos. Todo homem vive pela fé e para a fé.

## 2. DISTINÇÕES DA FÉ

A fé ao longo do tempo veio perdendo seu sentido original, seu conceito se deturpou criando grande confusão para seu entendimento. A fé foi confundida e transformada em coisas que ela não é, foi transformada em sentimento ou certeza absoluta e meros atos litúrgicos. Tillich faz em Dinâmica da Fé um exercício de extrema importância, ao explicar a fé ele joga uma luz sobre as confusas interpretações da fé.

A frase mais impactante de Tillich referente à fé é sua simples definição “Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente” (Tillich, 1957, p. 5). Essa não é somente uma frase, mas a definição de fé para o autor. A base para essa afirmação se encontra na Bíblia, no Antigo Testamento quando o Deus criador deu mandamentos aos homens. O primeiro mandamento é o que dá o fundamento da teoria de Tillich. “Amarás o SENHOR teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.” (Deuteronômio 6:5). Esse mandamento implica um ato inteiro do espírito humano. A fé para existir verdadeiramente necessita ser a preocupação máxima do homem, de forma que todo o seu ser esteja voltado para ela. No entanto existem preocupações de natureza imediata que a princípio nada tem a com o objeto de fé, como cuidar da saúde do corpo ou, a busca por um parceiro, ou fazer exercícios para melhorar a autoestima, mas mesmo estas banais condições são permeadas pela preocupação última, isso porque a fé transcende tudo, todas as outras preocupações e necessidades estão inclusas no ato de fé. Podemos fazer uma analogia do que foi dito, com o sistema solar, do qual o sol é o centro. O sol representa a preocupação última do homem, sua fé. Os planetas

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: Thomaz\_13jf@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Eduardo Gross.

que se distanciam mais do centro representam as banalidades e trivialidades da vida humana. O centro, no entanto, continua a afetar todo o sistema, sem o sol nada funcionaria.

A preocupação última, porém pode ser voltada para diferentes objetos. Os hebreus do Antigo Testamento a voltavam para o Deus criador, muitos na sociedade moderna têm sua preocupação focada na ciência, no dinheiro ou na importância social. Segundo Tillich é inerente à natureza humana possuir uma preocupação última, pois esta é o sentido da vida para o indivíduo. E nisto vemos que o conteúdo da fé é secundário para sua definição formal e para seu entendimento.

## 2.1 UM ATO GLOBAL

A fé sendo ato da pessoa inteira perpassa tanto seu consciente como inconsciente. A fé para ser real necessita satisfazer todas as características do espírito humano no ato de fé ou então, segundo Tillich, seria outra coisa. A fé transcende todo o homem, é o "... ato mais íntimo e global do espírito humano." (Tillich, 1957, p. 7).

Precisamos entender como se dá o surgimento da fé. Já foi explicado como a fé ocorre no interior do homem. Apesar de finito o homem possui consciência do infinito, mas não o pode possuir, e por causa dessa incapacidade ocorre o que Tillich chama de "inquietação do coração" (Tillich, 1957, p. 11). É aqui gerada a paixão do homem pelo infinito, na esperança de alcançá-lo e atingir sua realização suprema. Fé é estar possuído pelo incondicional, no entanto esse incondicional experimentado no ato de fé pode ter como objeto algo finito. O que Tillich quer dizer com isso é que o homem pode ter uma experiência do incondicional mesmo que o objeto desta experiência se encontre na finitude, "... por isso quase tudo no 'céu e na terra' já alcançou o caráter do incondicional..." (Tillich, 1957, p. 11).

A parte subjetiva da fé que se dá no interior do homem está voltada a um objeto, pode-se chamar de Deus ou um deus, mas a fé é sempre direcionada a um conteúdo seja ele falso ou verdadeiro. No entanto, só se pode saber o conteúdo, da fé no ato de crer e é aqui onde se pode distinguir sua veracidade. A fé, como dito, não torna o objeto e seu conteúdo verdadeiramente em algo incondicional. Para a certeza de que a fé seja verdadeira é necessária a realização de uma condição, a superação de subjetivo e objetivo. Para isso é necessário que o homem creia no objeto e que o objeto seja efetivamente incondicional. Não há a experiência do incondicional em relação a um objeto sem a parte subjetiva do homem e da mesma forma não há objeto verdadeiro de fé se este "objeto" não for incondicional. As duas relações, subjetiva e objetiva, ocorrem ao mesmo tempo, podemos dizer que há a superação da divisão entre sujeito e objeto. Tillich cita Paulo que escreve que Deus diz "conhecerei como também sou conhecido" (I Co 13, 12). O conhecimento que o homem tem de Deus é o conhecimento que Deus deu para o homem a seu respeito. Nisso entendemos que o objeto da fé, no caso bíblico este objeto é Deus, é também o sujeito da fé. Deus é sujeito ao dar ao homem conhecimento de si e ao mesmo tempo é o objeto de fé do indivíduo. Sendo assim fica claro que a fé verdadeira supera a relação sujeito-objeto.

## 2.2 SAGRADO E SUA NATUREZA DUALÍSTICA

Para Tillich, o sagrado se encontra onde há fé, pois aquilo que toca o homem incondicionalmente tornando-se sua preocupação última, seu Deus, adquire a natureza do sagrado. O homem ser finito e incapaz de alcançar o infinito se encontra em um estado de constante insatisfação que somente pode ser satisfeita quando consegue repousar no infinito e na realização suprema. Como no título dessa seção, o sagrado é constituído de duas características. O homem que se encontra na esfera do sagrado está diante do "fascinsum" e do "tremendum". O fascínio e o temor frente ao incondicional, pois nele se encontram a realização suprema e ao mesmo tempo a real noção do quão distante o finito se encontra do infinito e a sua impossibilidade de alcançá-lo "O sentimento de ser aniquilado pela presença do divino é o que expressa mais profundamente a relação em que se encontra o homem diante do sagrado". (Tillich, 1957, p. 13). E Tillich afirma que esse sentimento perpassa todo ato de fé legítimo. Relacionado a isso o autor expõe a verdadeira natureza do sagrado, sua natureza divina e criadora e sua natureza demônica e destruidora. Para melhor entendimento, um exemplo dessa natureza sagrada são os sacrifícios que em parte são a natureza destruidora do sagrado. Ele aponta para essa ambiguidade nos atos de sacrifícios de animais ou do próprio eu, pois possuem essa natureza divino-demônica ao mesmo tempo. O Deus do Antigo Testamento possuía essa característica, mas é preciso deixar claro que o aspecto divino do sagrado se manifesta quando a parte criadora supera a destrutiva e vice-versa.

## 2.3 A DÚVIDA CONTIDA NA FÉ

“Um Ato de fé é realizado por um ser finito, tomado pelo infinito e para este se volta.” (Tillich, 1957, p. 15). A fé é então um ato realizado na esfera finita, mas que é transcendida pelo infinito, ela se baseia na experiência do sagrado como descrito acima. A ideia de que fé e dúvida são opostas, na visão de Tillich, não poderia estar mais errada, o ser finito possui todas as limitações impostas pela finitude e a incerteza e a desconfiança estão arraigadas neste plano finito. Como vimos, a fé transcende toda a finitude e por isso também a dúvida. A aceitação da dúvida como parte da fé é um ato de coragem do crente em relação ao infinito misterioso e desconhecido. Por isso nenhuma fé é imediata certeza, a possibilidade de fracasso está sempre à espreita do crente, mas aceitar essa possibilidade de fracasso da fé que se crê é o maior ato de coragem. Diante da realização suprema há também o risco supremo, que pode destruir o ser, por isso no crente há também uma coragem suprema, pois é necessário se manter fiel mesmo diante de tal possibilidade. Por isso fé e dúvida não são antíteses, Tillich afirma que a dúvida, por ser inerente ao ser finito, também é um elemento necessário da fé.

A dúvida descrita acima, no entanto, não é uma dúvida científica relativa a fatos ou provas, nem também a dúvida dos céticos. Para Tillich nem mesmo os céticos são desprovidos de fé. O cético possui uma determinada atitude diante de tudo que seja considerado verdades, duvida até mesmo da realidade captada pelos sentidos assim como de convicções religiosas. A dúvida cética não se manifesta de forma afirmativa, ela simplesmente nega toda e qualquer afirmação de verdade. Tudo é incerteza. O homem, no entanto, como ser finito e possuindo uma “inquietude de coração”, necessita buscar a realização suprema, e mesmo os céticos que afirmam não existir verdade, também buscam a realização suprema. O argumento cético cai em uma contradição, pois a afirmação de que tudo é incerto é uma afirmação, esta é uma verdade absoluta para o cético, mas para o autor estes possuem sua paixão infinita na busca da verdade. A demonstração de superioridade do cético em relação à verdade mostra que a verdade é levada muito a sério e sempre há o questionamento do que é incondicionalmente válido. Até mesmo os céticos possuem uma fé, mesmo que esta não possua conteúdo concreto. Tillich mostra que não há ser humano que não possua fé, e que a dúvida não é oposta a ela, mas sim faz parte do ato de fé e que duvidar de tudo também é um jeito de se estar tomado pelo incondicional.

A dúvida que está contida no ato de fé, no entanto, não é a dúvida científica ou a dúvida cética, mas sim o que Tillich chama de dúvida existencial que só existe em quem está seriamente possuído pelo incondicional de conteúdo concreto. A fé por ter a dúvida como elemento é capaz de prevalecer contra a dúvida de si mesma pela coragem do crente em permanecer fiel. Muitos religiosos sentem medo e culpa diante da dúvida, mas esta é uma comprovação da fé. É necessário entender que a dúvida leva a uma reinterpretação de antigas tradições e conceitos. Há, então, através da dúvida, uma renovação de valores e entendimento, aprende-se o novo olhando para o antigo. “A dúvida sincera não nos separa de Deus, mas é expressão de fé, pois a dúvida significa uma confissão em busca da verdade” (Gross, 2001, p. 37). Eduardo Gross, em seu artigo, diz que para Tillich a verdade é uma só pois “Toda verdade tem de ser divina. Toda verdade é de fato expressão da Verdade”. Isso mostra que não há diferentes tipos de verdade, há somente uma Verdade e a dúvida é uma forma de sua expressão. Ao genuinamente duvidar, reconhece-se que há carência da Verdade plena, por isso, como dita acima, a dúvida é uma expressão da Verdade. A dúvida é então, como descrita anteriormente, inerente à fé e precisa ser vivenciada com coragem, pois não existem meios de reprimi-la.

## 2.4 DISTORÇÕES DA FÉ

Durante todo um capítulo Tillich discorre sobre as distorções causadas sobre o real conceito de fé devido às más interpretações filosófica e teológica ao longo do tempo e que causaram um grande impacto na visão popular do que é a fé. Muito é dito do conflito existente entre fé e saber, fé e ciência como se fossem quase opostas e uma tentasse descredibilizar a outra. Na visão de Tillich isso não passa de um erro, de uma visão errada do que a fé realmente é. Como já afirmado repetidas vezes, a fé quando real transcende tudo, pois ela é aquilo que toca o homem incondicionalmente. Mas quando se toma somente uma parte das funções do espírito humano como o conhecimento e o identifica como fé, cai-se em erro. O conhecimento é um elemento da fé, mas não pode ser confundido com ela. O que o autor procura explicar é que a fé não é um conhecimento de menor certeza que o conhecimento científico ou o conhecimento direto. A fé não pode ser demonstrada através de dados ou probabilidade como o conhecimento científico. Acreditar em documento e dados, porque estes possuem uma grande probabilidade de estarem corretos não é ter fé. Existem diferentes motivos pelos quais se acredita em algo. Acredita-se em alguém porque este possui credibilidade, acredita-se na ciência, pois esta pode comprovar praticamente sua afirmação mesmo que futuramente essa afirmação venha a se conhecer

equivocada. Ao crer em algo ou alguém sugere que há um elemento participante, a confiança. Confia-se em alguém, pois há credibilidade e certamente a confiança é um elemento da fé, mas não é ela. É óbvio que a ninguém é possível verificar a veracidade de todas as informações expostas no mundo e por isso é necessário ao homem acreditar e confiar em autoridades e suas afirmações, mas isso não é ter fé. “A dimensão da fé não é uma dimensão da ciência” (Tillich, 1957, p. 26) por isso o conflito que se gera entre elas é devido ao erro do entendimento. O que Tillich mostra é que, acreditar crer e confiar não são sinônimos de fé apesar de serem elementos dela. Pode-se fazer um paralelo com a afirmação acima de que não existem variadas verdades, mas sim uma Verdade. Se há somente uma Verdade é impossível, pois que exista um conflito real entre fé e saber. Se a fé não é um ato de conhecimento, Tillich afirma que também não é um ato da vontade. Uma afirmação de Tomás de Aquino diz que na falta de demonstração inerente, é necessário compensar a fé (aí se pressupõe que a fé é um conhecimento de baixo grau de certeza) com um ato da vontade. Sendo assim, a fé como ato da vontade nada mais é que uma derivação da fé como ato de conhecimento. Na falta de uma, aplica-se a outra. Tillich exemplifica através da noção de imortalidade da alma. Essa afirmativa não pode ser comprovada e nenhuma autoridade possui certeza desta afirmação. Se na falta de fundamentações há uma complementação pela vontade, pode-se dizer que é possível ir para qualquer direção. A vontade não é um guia e não torna o objeto da fé em algo concreto. Dar crédito a algo baseado na vontade não é ter fé. A afirmativa de que é impossível atingir o infinito por meio finito pode ser aqui usada novamente. É impossível para o homem finito criar através de a vontade o estar possuído pelo infinito. A vontade do homem é inconstante e incapaz de criar certeza.

Restaria a fé então como um ato do sentimento. “As dificuldades que surgem quando se entende a fé como uma questão da razão ou da vontade ou da cooperação de ambas levou a que se a concebesse como sentimento.” (Tillich, 1957, p. 29). Essa concepção da fé surgiu triunfante quando não mais podia se justificá-la como ato de conhecimento ou vontade. Triunfante porque segundo Tillich, foi um modo simples de afastar a fé dos meios sociais. Se a fé é um sentimento do indivíduo, é necessário que ela se mantenha somente na esfera privada. “Depois que a religião foi assim declarada um sentimento subjetivo e tirada do meio do caminho, ela não mais representa perigo para a vida cultural do homem” (Tillich, 1957, p. 29). No entanto o autor afirma que mesmo entendendo a fé como um sentimento subjetivo é impossível negar sua real natureza. A fé toma o ser como um todo, aquilo que nos toca incondicionalmente não pode ser excluído e particionado somente a uma esfera do espírito humano. A contínua tentativa de colocar a fé em um canto para “se livrar” do incômodo que ela possa gerar é um erro constante e inútil. Não é possível negar a realidade da fé e a sua tremenda força na vida humana. Reduzir aquilo que move o ser humano em sua existência a uma “banal” característica, seja ela qual for, é falta de conhecimento e reconhecimento da fé.

## 2.5 O CONCEITO DE SÍMBOLO

Uma das importantes questões relativas à fé é sua expressão. O símbolo é a única linguagem capaz de captar e expressar o incondicional. Sinais são determinados por convenções de um povo, ou por convenções internacionais, ambos possuem a função de apontarem para algo fora de si mesmo. Mas símbolos não são sinais, há uma importante diferença entre ambos, a diferença de que sinais não fazem parte daquilo para o qual apontam. “A linguagem mitológica, em sua dimensão simbólica, nos abre novos horizontes impossíveis para a linguagem técnico-científica-industrial e se apresenta como possibilidade de invadir o campo do não-dizível” (Emílio, 2009, pg. 38). Essa é uma das características de um símbolo, fazer parte da realidade daquilo para o qual aponta além de outras importantes características que compõem um símbolo, convenções não possuem capacidade para substituir símbolos, e esta característica está intimamente ligada ao fato de que símbolos nascem e morrem em seu devido tempo. Eles surgem e desaparecem como seres vivos. Eles “surgem quando a época estiver madura para eles, e desaparecem quando o tempo os tiver ultrapassado”. (Tillich, 1957, p. 32). Símbolos possuem a capacidade de mostrar diferentes níveis de realidade, inconcebíveis de outras maneiras e inexplicáveis cientificamente. Essa característica é muito usada no meio artístico. E eles são capazes de abrir dimensões da alma que correspondem a dimensões da realidade, essa característica é explicada por um conhecimento adquirido através dos símbolos que falam sobre o mundo e ao mesmo tempo do espírito humano como, por exemplo, a música.

Todas as características acima estão presentes nos símbolos da fé, sejam símbolos concretos ou abstratos. Como dito acima, a linguagem da fé é a linguagem dos símbolos. Deus é o símbolo mais usado religiosamente, seja ele o Deus do Antigo Testamento ou a nação considerada como Deus (como nos movimentos nacionalistas). Deus é um símbolo que está presente no ato de crer mesmo se a crença é na

negação de Deus. “Aquele que nega a Deus com paixão incondicional, afirma a Deus porque ele manifesta algo incondicional.” (Tillich, 1957, p. 33). Por essa lógica o autor afirma que Deus é um símbolo de Deus. O objeto concreto de quem está tomado pelo incondicional é Deus e a única forma de expressá-lo é simbolicamente, sendo o símbolo Deus. O símbolo aponta para algo além de si e ao mesmo tempo faz parte daquilo para o qual aponta, mas quando um símbolo assume para si a característica do incondicional para o qual deveria apontar, isso é o que Tillich considera idolatria.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto central do pensamento de Paul Tillich em relação à fé é levar a entender que ela é o incondicional que nos toca, a fé não pode ser nada além disso. Sempre que se tenta derivar a fé de algo, perde-se sua verdadeira essência e significado. A fé sempre será aquilo que toca o homem por completo, permeia todos os âmbitos da vida e transcende toda realidade. Graças à finitude do homem este é levado sempre em direção àquilo que o toca incondicionalmente, sendo impossível viver sem a constante busca pelo infinito. Nada é capaz de subverter esse sentimento de busca constante pelo infinito que há no homem. A fé pode ser considerada nada menos que um devaneio por aqueles que não possuem o conhecimento de sua verdadeira natureza, seja a ciência, não teístas ou céticos mas todos são movidos por ela. A realidade da fé é uma constante inseparável da realidade humana, uma não existe sem a outra.

Importante ressaltar que quando se coloca a realidade finita deste mundo em choque com a realidade da fé não se chega a uma conclusão verdadeira. Explicar o infinito através do finito se mostra um trabalho enfadonho e improdutivo, a realidade da fé nunca poderá ser explicada se não pela própria realidade da fé e através da linguagem da fé. A falta da percepção do homem em distinguir ambas as realidades foi o que levou a tantas distorções do que a fé realmente é e Tillich em sua obra trouxe de volta a luz que se havia perdido, jogando por terra os conceitos errados daquilo que se chamava fé. A linguagem dos símbolos tem uma gigantesca importância nessa tarefa, sem entender os símbolos seria impossível entender a fé. A sua função também não pode ser confundida, um símbolo sempre aponta para algo além e ao mesmo tempo faz parte dessa realidade. No entanto Tillich é claro, nunca se deve entender o símbolo como algo infinito e nunca se deve elevá-lo a esta condição, ou distorce-se seu propósito e o homem se perde na idolatria de sua ignorância e cuja a recompensa é a gigantesca frustração ao se dar conta de que a promessa da realização suprema nunca será real.

### REFERÊNCIAS

BÍBLIA Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2ed. Barueri, São Paulo.

EMÍLIO, E. G. **A teoria do símbolo de Paul Tillich e a pós-modernidade: aproximações e tensões**. Revista Eletrônica Correlatio, São Paulo, n. 16, dez. 2009. Disponível em: [www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1583/1614](http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1583/1614). Acesso em: 05/06/2017

GROSS, E. **A Justificação de Quem Duvida: Um Exercício Hermenêutico Com Paul Tillich**. *Numen*: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 4, n. 2. Disponível em: <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/download/830/714>. Acesso em: 12/06/2017

GROSS, E. **O conceito de fé em Paul Tillich**. Revista Eletrônica Correlatio, Juiz de Fora, v. 12, n. 23, Jun. 2013. Disponível em: [www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/4196/3672](http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/4196/3672). Acesso em: 10/06/2017

GROSS, E. **O conceito de Religião em Paul Tillich e a ciência da religião**. Revista Eletrônica Correlatio, Juiz de Fora, v. 12, n. 24, Dez. 2013. Disponível em: [www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/4634/4001](http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/4634/4001). Acesso em: 10/06/2017

HIGUET, E, A. **Falar de Deus no limite dos tempos: A contribuição de Paul Tillich à superação do teísmo na modernidade tardia**. Revista Eletrônica Correlatio, v. 13 n. 26, dez. 2014. Disponível em: [www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/5515/4583](http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/5515/4583). Acesso em: 08/06/2017

TILLICH, P. **Dinâmica da Fé**. 3ed. Sinodal, 1985.